

AS REFORMAS POMBALINAS DA INSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL COLÔNIA: MAPEAMENTO PRÉVIO PARA A PRODUÇÃO DO ESTADO DA ARTE EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Gilberto Luiz Alves
Professor da UnC, Campus de Caçador

INTRODUÇÃO

Os interesses que presidem à realização das sessões de colóquios e comunicações, ora iniciadas, visam, sobretudo, sumariar os resultados da atividade científica do HISTEDBR, ao longo de seus vinte anos de existência. Mas, essa atividade não pode ser isolada da comunidade científica que opera no âmbito da história da educação no Brasil, até para que, por comparação, se possa dimensionar a magnitude da presença de nosso Grupo de Pesquisa no meio. Portanto, o presente trabalho tentará se desenvolver nessa perspectiva.

Dentro da divisão do trabalho estabelecida pela coordenação do HISTEDBR, coube-nos a discussão do período colonial. Como é impossível o afastamento dos pressupostos teóricos que norteiam nossa ação, deve ser esclarecido, de imediato, que, quando tomamos a educação brasileira como objeto de estudo, a tarefa de compreensão passa, necessariamente, pelo entendimento do processo que a tornou o que é. Isso condiciona, inclusive, a concepção que se tem do levantamento do estado da arte relativo à literatura educacional da área de história da educação e permite alertar sobre duas limitações que conspiram contra a possibilidade de um entendimento da educação brasileira, hoje, suficientemente iluminado pelos resultados da atividade científica. Em primeiro lugar, há a constatação inquestionável da exígua quantidade de investigações realizadas sobre o período colonial, no País, que se associa, ainda, ao desconhecimento de uma boa parte da produção, confinada que está a guetos locais e regionais que não estabelecem relações com a comunidade científica por meio do uso de seus instrumentos de divulgação e intercâmbio. Em segundo lugar, há uma outra limitação, mais discutível, mas, no nosso entendimento, não menos prejudicial e, até mesmo, mais perniciosa, que se refere à contaminação de uma boa parte da produção realizada no domínio da história da educação por aquilo que eu venho chamando de caricaturas ideológicas.

Por isso o trabalho se desenvolverá em duas partes. A primeira faz um mapeamento, ainda preliminar, da produção realizada na área de história da educação, no Brasil, nos limites do que está difundido pelos meios reconhecidos pela comunidade científica. Essa parte toca o objetivo central do presente colóquio – a constituição do estado da arte da investigação histórico-educacional, no que se refere ao período colonial no Brasil – e sua priorização já revela um elemento diferenciador da prática científica do HISTEDBR. Tem sido pouco usual essa preocupação. Os próprios relatórios de pesquisa são evidências desse fato. Como princípio de rigor científico, a investigação deve tomar como ponto de partida o levantamento de toda a produção realizada sobre o objeto em pauta, independente das

motivações teórico-epistemológicas e político-ideológicas de quem investiga. Contudo, nem todos os relatórios de pesquisa revelam cuidados quanto a essa exigência de levantamento prévio do estado da arte quanto aos objetos correspondentes. Infelizmente, reafirme-se, essa não tem sido uma tendência dominante em muitos nichos da pesquisa histórico-educacional. Não são raros os casos de sectarismo, quando, no interior de programas de pós-graduação, os próprios orientadores induzem os seus orientandos a ignorar, intencionalmente, as produções de “adversários”. Contudo, não vamos tranquilizar nossas consciências e considerar que esse é um mal que não nos aflige. Esse sectarismo também teve e pode ter, ainda, guarida entre nós.

No que se refere à tarefa que nos foi atribuída – o levantamento do estado da arte da pesquisa histórico-educacional, no Brasil – é importante esclarecer que não pode ser cumprida, de imediato. Esta é uma tarefa a ser realizada de forma sistemática, reunindo os esforços dos diferentes GTs do HISTEDBR e com a previsão de um certo tempo para que seja levada a cabo. Nesse instante, é muito difícil uma única pessoa ou um pequeno grupo inventariar tudo o que já foi produzido no âmbito da história da educação no Brasil. A divisão dos períodos da educação brasileira e a conseqüente divisão do trabalho, já adotada, não minora a dificuldade. Portanto, o que se pode fazer, é instaurar um trabalho em direção à constituição do estado da arte. Nesse sentido, a iniciativa do HISTEDBR é salutar e irá beneficiar a área de história da educação como um todo e todos os seus integrantes.

O que fizemos foi, muito mais, um mapeamento da produção, que classificou as obras segundo a sua natureza, a finalidade que atendem e o tipo de autor. Os resultados são apresentados de uma forma descritiva, segundo conjuntos para os quais se procurou assegurar um mínimo de homogeneidade. Dentre os oito conjuntos homogêneos contruídos, alguns são mais exaustivos e, talvez, tenham se aproximado bastante da conclusão. É o caso referente, por exemplo, às obras clássicas. Outros são muito parciais. São desenvolvidos a título de exemplo e muito trabalho ainda se faz necessário para chegar a desenvolver uma descrição suficiente. O melhor exemplo é o referente à historiografia regional.

Como essa primeira parte é eminentemente descritiva, o trabalho, no seu interior, não toca questões relativas à crítica, tanto no seu aspecto teórico-epistemológico quanto no político-ideológico. Essa será outra tarefa a ser desenvolvida posteriormente. Mas, para deixar uma reflexão importante para o exercício dessa crítica, retomamos, na segunda parte, alguns estudos anteriores e reproduzimos, inclusive, as intenções que presidem um programa de pesquisa, em vias de construção dentro do HISTEDBR e que está sendo designado, provisoriamente, “*A educação escolar no Brasil colonial: abordagens historiográficas*”.

1. MAPEAMENTO DA LITERATURA EDUCACIONAL REFERENTE À ÉPOCA DOMINADA PELAS REFORMAS POMBALINAS DA INSTRUÇÃO PÚBLICA NO BRASIL: CLASSIFICAÇÃO, COMENTÁRIOS PRELIMINARES E LACUNAS

Alguns esclarecimentos preliminares se impõem. O primeiro se refere a uma delimitação imposta ao trabalho. A temática geral deste colóquio incide sobre a educação brasileira no período colonial, mas a discussão subsequente se focaliza, tão somente, na época dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública. Isso se deve a dois motivos. O primeiro é

que as minhas investigações, em especial a pesquisa realizada durante o Curso de Doutorado em Educação da UNICAMP, centrada no Seminário de Olinda, levaram-me a estudar com maior afinco esse período. O segundo motivo, prende-se à própria divisão do trabalho prevista pela coordenação do HISTEDBR para a realização dos colóquios. O Prof. Dr. José Maria de Paiva foi convidado como expositor de uma outra sessão sobre o período colonial. Por ser ele um especialista da época jesuítica, poderá, na sua participação, com certeza, discutir a matéria com maior profundidade e domínio.

Mesmo cingindo-se à educação brasileira no período dominado pelas reformas pombalinas da instrução pública, a discussão subsequente, acerca da literatura educacional, não pretende nem pode esgotar a matéria. A intenção é, sobretudo, mapear a produção, distribuindo-a segundo uma tipologia construída visando dar-lhe uma configuração mais sistemática e, também, revelar lacunas permitindo, assim, a construção de uma plataforma de investigações para o futuro.

Portanto, o trabalho se reveste de um caráter muito provisório. Mas, segundo as indicações delineadas ao longo da análise, poderá ganhar complementações em diversas frentes, o que viabilizaria a transformação do HISTEDBR, muito proximamente, no primeiro grupo de pesquisa, na área de história da educação, com amplo domínio da historiografia educacional brasileira.

Quanto à literatura educacional, optou-se por trabalhar, exclusivamente, com material que dispõe de maior potencial em termos de veiculação de idéias criativas: obras clássicas, teses, dissertações, relatórios de pesquisas livres, em grande parte transformados em livros. Os compêndios e manuais didáticos, inclusive por isso, foram abandonados, pois se resumem a reproduzir idéias circulantes. Os próprios compendiosos, muitos deles pesquisadores universitários, veiculam idéias que construíram a partir de suas investigações somadas a informações recolhidas em obras disponíveis no mercado. Portanto, se ambas as fontes são consideradas na análise, não há motivo para explorar os manuais didáticos. Nesse caso encontram-se, também, algumas obras de referência como **Dicionário de Educadores no Brasil**¹ e **500 Anos de Educação no Brasil**². Sobre os artigos de revistas científicas, deverão ser exaustivamente levantados, por meio de trabalhos complementares. Por ora, só foi tomada como exemplo a revista especializada na área de história da educação: **Revista Brasileira de História da Educação**, da SBHE. Com certa surpresa, se constatou que as matérias publicadas pouco acrescentaram ao que já circula na área. Mas, acentue-se, essa afirmação vale, exclusivamente, para o período tomado como referência: a época dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública.

O critério de classificação da literatura educacional estabeleceu uma divisão das obras visando reuni-las por conjuntos homogêneos. Três aspectos foram considerados: natureza das obras, suas finalidades e tipos de autor. Da classificação resultaram oito conjuntos

¹FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep, 1999. 496 p.

² LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000. 606 p.

homogêneos. Em seguida, são apresentados os resultados desse mapeamento provisório da literatura educacional relativa às reformas pombalinas da instrução pública.

CONJUNTO 1: OBRAS CLÁSSICAS

As obras clássicas, em grande parte sob a forma de livros nem sempre facilmente disponíveis, são essenciais para a captação das formas de manifestação do ideário educacional burguês em Portugal e seus domínios, no século XVIII. Seus autores são personagens que viveram os acontecimentos educacionais da época.

Três obras clássicas, pela importância de que se revestem, precisam ser nomeadas. Duas são sistematicamente citadas e reconhecidas por terem influenciado as reformas pombalinas da instrução pública, em Portugal e seus domínios: **Verdadeiro Método de Estudar** (1746), de Luis Antonio Verney³, e **Cartas sobre a Educação da Mocidade Portuguesa** (1760), de Ribeiro Sanches⁴. É relevante lembrar que não se desenvolveram entre nós, ainda, estudos que aprofundem as idéias e as propostas contidas nessas obras. A terceira, por ser menos conhecida, deve ter sua importância melhor avaliada. Trata-se de **Apontamentos para a Educação de um Menino Nobre** (1734), de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença⁵, que, segundo a historiografia portuguesa, teria uma estreita associação com **Ensaio sobre a Educação**, de Locke.

Pelo pioneirismo, a obra de Verney gerou um ambiente de disputas no campo educacional, que se expressou, também, numa literatura apologética reveladora das idéias educacionais que circulavam no império colonial português em meados do século XVIII. Jesuítas e *estrangeirados* foram as figuras centrais das escaramuças produzidas nesse ambiente de disputas. Para efeito de exemplo considere-se **Reflexoens Apologeticas á Obra Intitulada Verdadeiro Methodo de Estudar**⁶, publicada em 1748 por um hipotético Frei Arsenio da Piedade, nome fictício por trás do qual se escondia algum importante ideólogo jesuíta⁷. Essa obra realizou um ostensivo ataque às idéias educacionais contidas no referido livro de Verney. Em seguida, ainda no mesmo ano, foi editada a **Resposta as Reflexoens, que o R.**

³ VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Sá da Costa, 1952. 5 v. (Coleção de Clássicos Sá da Costa)

⁴ SANCHES, A. N. Ribeiro. **Cartas sobre a Educação da Mocidade**. Nova ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. 217 p.

⁵ PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. **Apontamentos para a Educação de hum Menino Nobre, que para seu uso particular fazia...** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734. 355 p.

⁶ PIEDADE, Fr. Arsenio da. **Reflexoens Apologeticas á Obra Intitulada Verdadeiro Methodo de Estudar**. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1748. 66 p.

⁷ O antiquário e bibliófilo Líbano Calil, em anotação num exemplar dessa obra, assegura que o autor é de fato o jesuíta José de Araújo.

P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez as (sic) Livro Intitulado: Verdadeiro Método de Estudar⁸, atribuída a um anônimo religioso⁹.

As considerações tecidas implicam o reconhecimento do quão pouco difundidas, no Brasil, encontram-se as obras clássicas do período. Se as referências a Verney e Ribeiro Sanches são sistemáticas, como já foi dito, o conhecimento direto de suas obras é precário. Outras, como a de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, bem como as referentes às disputas apologéticas da época, são menos conhecidas ainda. Cabe retirar essa literatura do esquecimento; cabe investigá-la de forma sistemática para que, num patamar mais rico teoricamente, possa fecundar a interpretação da educação brasileira nessa fase dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública.

CONJUNTO 2: HISTORIOGRAFIA – DISSERTAÇÕES, TESES E PESQUISAS LIVRES TRANSFORMADAS EM LIVROS

Esse Conjunto 2 reúne obras focadas sobre as idéias educacionais burguesas circulantes nas nações européias mais avançadas, ao longo dos séculos XVII e XVIII. Os autores são, de forma dominante, pesquisadores universitários, sobretudo da área de história da educação.

Quanto à finalidade, essas obras são complementares às clássicas. Dispostas segundo a seqüência histórica de aparecimento dos resultados, merecem citação as investigações de Eliane Marta Teixeira Lopes, Wojciech A. Kulesza, João Luiz Gasparin, Zélia Leonel, Carlota Boto, Antonio Santoni Rugiu, Gilberto Luiz Alves, Ana Maria Moura Lins, Gilberta Sampaio de Martino Jannuzzi e Sandino Hoff.

Lopes, no livro **Origens da Educação Pública: a Instrução na Revolução Burguesa do século XVIII**¹⁰, discute os projetos de instrução pública, apresentados durante a fase de conflagração revolucionária em França.

Kulesza é autor de **Comenius: a Persistência da Utopia em Educação**¹¹, uma abrangente e alentada análise da obra educacional do grande mentor da escola moderna. Também centrados na preocupação de revelar a importância, ainda presente, da herança educacional comeniana, à obra de Kulesza somaram-se, mais tarde, dois livros de João Luiz Gasparin:

⁸ **RESPOSTA as Reflexoens, que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez as (sic) Livro Intitulado: Verdadeiro Método de Estudar.** Valença: Oficina de Antonio Balle, 1748. 148 p.

⁹ Estudos filológicos têm apontado o próprio Verney como seu possível autor, ainda segundo informações do antiquário e bibliófilo Líbano Calil.

¹⁰ LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Origens da Educação Pública: a Instrução na Revolução Burguesa do Século XVIII.** São Paulo: Loyola, 1981. 127 p. (Coleção “EDUC-AÇÃO”, 3)

¹¹ KULESZA, Wojciech A. **Comenius: a Persistência da Utopia em Educação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. 214 p. (Coleção repertórios)

Comênio ou a arte de ensinar tudo a todos e Comênio: a Emergência da Modernidade na Educação¹².

Leonel, em **Contribuição à História da Escola Pública: Elementos para a Crítica da Teoria Liberal da Educação**¹³, contrapõe o ideário de dois pensadores burgueses que se sobressaíram pelas suas preocupações com a educação e a definição de seu conteúdo liberal – Locke e Rousseau.

Boto, na obra **A Escola do Homem Novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**¹⁴, transita pelo pensamento de diversos pensadores franceses, visando revelar e discutir os princípios e propostas iluministas relativos à educação.

Antonio Santoni Rugiu, historiador da educação italiano, é autor de uma obra que poderia parecer, à primeira vista, desfocada dos objetivos deste trabalho. Mas, essa impressão é errônea. Em **Nostalgia do Mestre Artesão**¹⁵, o autor demonstra como a consciência do educador continua atrelada ao trabalho artesanal. Isso já teria se manifestado no século XVII e perpassado todas as pedagogias do século XIX que fazem a apologia do *aprender-fazendo*.

Gilberto Luiz Alves, em **A Produção da Escola Pública Contemporânea**¹⁶, procura rastrear as origens e o processo de produção da escola moderna, incurcionando pela reforma protestante, pelo enciclopedismo e pela economia política. As nuances mais desenvolvidas do pensamento pedagógico são inventariadas, desde o século XVII até os nossos dias.

Ana Maria Moura Lins, autora de **Educação Moderna: Contradições entre o Projeto Civilizatório Burguês e as Lições do Capital**¹⁷, manifesta a preocupação de contrapor o trabalho à educação. Essa relação é estudada, em especial, a partir de escritos de Marx e dos clássicos da economia política.

¹² GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou a Arte de Ensinar Tudo a Todos**. Campinas, SP: Papirus, 1994. 187 p. (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico)
GASPARIN, João Luiz. **Comênio: a Emergência da Modernidade na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 147 p. (Coleção educação e conhecimento)

¹³ LEONEL, Zélia. **Contribuição à História da Escola Pública: Elementos para a Crítica da Teoria Liberal da Educação**. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1994. 258 p. (Tese de doutoramento)

¹⁴ BOTO, Carlota. **A Escola do Homem Novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 207 p. (Encyclopaideia)

¹⁵ RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Trad. de Maria de Lourdes Menon. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. 167 p. (Coleção memória da educação)

¹⁶ ALVES, Gilberto Luiz Alves. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campo Grande, MS: Editora UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001. 288 p.

¹⁷ LINS, Ana Maria Moura. **Educação Moderna: Contradições entre o Projeto Civilizatório Burguês e as Lições do Capital**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. 154 p.

A obra de Gilberta Sampaio de Martino Jannuzzi, denominada **Educação do Deficiente no Brasil: dos Primórdios ao Início do Século XXI**¹⁸, avança os estudos históricos da autora no sentido de recuperar a educação dos portadores de deficiência física e mental no País. É uma obra de caráter sintético e pleiteia, como consequência, inclusive a segunda metade do século XVIII e início do século XIX.

Hoff, por sua vez, vem realizando um esforço de investigação e de tradução que incide sobre o pensamento e a obra pedagógica de um antecessor de Comenius, Ratke¹⁹, matizando assim os estudos sobre a herança educacional conferida pela Reforma protestante.

Essa historiografia é importante por realizar a abordagem das formas mais desenvolvidas das concepções de educação, no período tomado como referência. Nenhuma delas é estranha à singularidade brasileira, pois não se deve omitir o imperativo metodológico segundo o qual as formas mais desenvolvidas são as chaves para a compreensão das formas menos desenvolvidas, entre as quais se situa o caso brasileiro. É necessário reter que as formas mais desenvolvidas encarnam, com maior riqueza, aquilo que Marx denominou de “sínteses de múltiplas determinações”²⁰.

Por fim, acentue-se a necessidade de complementação dessa tarefa de arrolamento, visando realizar o inventário mais pleno possível deste tipo de obras. Um levantamento exaustivo junto à produção dos diversos programas de pós-graduação, no Brasil, teria resultados muito ricos, nesse sentido. Os próprios GTs do HISTEDBR poderiam assumir esta como uma das tarefas para configurar o estado da arte da investigação-histórico-educacional no Brasil, cujos resultados poderiam estar disponíveis pela época de comemoração de seus vinte anos de existência.

CONJUNTO 3: HISTORIOGRAFIA – TESES E PESQUISAS LIVRES TRANSFORMADAS EM LIVROS

As obras desse conjunto incidem sobre as Reformas Pombalinas da Instrução Pública como um todo ou sobre objetos delimitados de sua implantação no Brasil. Também por isso, discutem as idéias educacionais circulantes no período. Os autores são pesquisadores universitários, sobretudo da área de história da educação.

¹⁸ JANNUZZI, Gilberta Sampaio de Martino. **Educação do Deficiente no Brasil: dos Primórdios ao Início do Século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. 243 p.

¹⁹ Um dos estudos deste autor é HOFF, Sandino. *Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborados por Ratke, no século XVII*. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Anped; Autores Associados, n. 25, jan.fev.mar.abr. 2004, p. 143-55.

²⁰ MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política*. In: **Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 116.

Não é avultado o número de obras que atendem à finalidade posta. Contam-se nos dedos os estudiosos que têm se voltado para o estudo dessa fase colonial da educação brasileira.

O pioneiro, com certeza, foi Laerte Ramos de Carvalho, que, em **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**,²¹ se debruçou sobre o ideário que presidiu esse profundo processo de renovação da educação em Portugal e suas colônias. A essa obra, publicada em 1978, somou-se, de imediato, uma outra do historiador da educação português, Antonio Alberto Banha de Andrade, denominada **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários no Brasil**²².

Banha de Andrade foi o mais profícuo dos estudiosos que se reportaram a esse período. Dele, também, é o monumental conjunto de **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal**²³, integrado por duas partes e três livros. Publicados em 1981, os três volumes são de dimensões alentadas. O segundo reúne uma quantidade expressiva de documentos sobre o período. É desse mesmo autor, ainda, **Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica**²⁴, editada no ano seguinte. É uma obra de caráter sintético que toca, de uma forma mais genérica, aspectos importantes para o entendimento da época dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública.

CONJUNTO 4: HISTORIOGRAFIA – TESES, DISSERTAÇÕES E PESQUISAS LIVRES TRANSFORMADAS EM LIVROS

O Conjunto 4 reúne obras regionais cujos objetos incidem sobre aspectos específicos, importantes para caracterizar a amplitude do atendimento e o grau de diversificação das instituições educacionais implantadas nas unidades federadas, no período dominado pelas Reformas Pombalinas da Instrução Pública. Da mesma forma, a abordagem desses objetos impõe a discussão das idéias educacionais circulantes no período. Os autores são pesquisadores universitários, sobretudo da área de história da educação, quase sempre ligados às instituições de ensino superior nas regiões correspondentes.

²¹ CARVALHO, Laerte Ramos de. **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**. São Paulo: Saraiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 241 p.

²² ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários no Brasil**. São Paulo: Saraiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 226 p.

²³ ANDRADE, António Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal** – 1ª. Parte. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1981. 2 v. e ANDRADE, António Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal** – 2ª. Parte. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1981. 999 p.

²⁴ ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. **Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982. 670 p. (Temas portuguesas)

Poucas têm sido as publicações que tocam a finalidade exposta. Isso reflete o exíguo número de pesquisas sobre a temática. Contudo, um levantamento exaustivo nas unidades federadas pode revelar outras obras, que não as citadas neste trabalho, por força de dificuldades de circulação. Algumas dessas obras podem ter resultado de iniciativas não difundidas em congressos. As publicações, muitas vezes, não saíram dos estreitos limites locais, o que dificultou, em seguida, o seu conhecimento nos círculos especializados da comunidade científica. Mas, nas últimas quatro décadas, foram editadas algumas expressivas contribuições ao entendimento da implantação das reformas pombalinas da instrução pública em diferentes regiões brasileiras.

Minas Gerais foi a unidade federada focalizada pela obra pioneira de José Ferreira Carrato, professor da USP, autor de **Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais**²⁵, editada em 1968 pela Companhia Editora Nacional, dentro da coleção Brasileira.

Um arquiteto português, Carlos Francisco Moura, então professor da Universidade Federal de Mato Grosso, publicou, em 1977, um artigo, decorrente de pesquisa livre, denominado *O ensino em Mato Grosso no século XVIII e início do século XIX*²⁶. Sobre a educação e abordando o mesmo período, foram publicados, nessa unidade federada, ainda, dois outros trabalhos. O primeiro resultou de uma pesquisa livre de Gilberto Luiz Alves, realizada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Seu relatório foi publicado, em 1984, com o título de **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**²⁷. O outro trabalho, resultante de dissertação de mestrado, defendida por Márcia Maria Miranda Bretãs, em 2000, na Universidade Federal de Mato Grosso, denomina-se **A Gênese do Ensino Estatal em Mato Grosso (1759-1808)**²⁸.

Maria Thetis Nunes, professora da Universidade Federal de Sergipe, publicou, em 1984, um livro intitulado **História da Educação em Sergipe**²⁹, que discute os resultados das reformas pombalinas da instrução pública na região.

²⁵ CARRATO, José Ferreira. **Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. 311 p. (Brasileira, 334)
Português de Leitura, Ano 2, n. 3, jul./dez. 1977, p. 145-57.

²⁶ MOURA, Carlos Francisco. *O ensino em Mato Grosso no século XVIII e início do XIX*. Rio de Janeiro, **Rev. Convergência**, v. 3, p. 145-57, jul./dez. 1977.

²⁷ ALVES, Gilberto Luiz. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande, MS: UFMS/Imprensa Universitária, 1984. 156 p. (Publicações UFMS, 1)
Esse trabalho teve uma segunda edição em 1996.

²⁸ BRÊTAS, Márcia Maria Miranda. **A Gênese do Ensino Estatal em Mato Grosso (1759-1808)**. Cuiabá: Instituto de Educação/UFMT, 2000. 166 p.

²⁹ NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984. 320 p. (Coleção educação e comunicação, 13)

Em 1993, Regina Portella Schneider fez publicar **A Instrução Pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**³⁰, que também discute, sustentada por bom aporte documental, o período em foco.

Merecem referência, ainda, duas outras obras. São resultados de pesquisa focadas em objetos específicos das reformas pombalinas da instrução pública, no Brasil, da mesma forma importantes para que se possa redimensionar, proximamente, a sua amplitude e a diversidade das instituições que se difundiram no País. A primeira interessa, mais de perto, ao Estado de Pernambuco. Trata-se de **O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836**³¹, de Gilberto Luiz Alves, publicado em 1993. A segunda é a obra de Tereza Maria Rolo Fachada Levy Cardoso, professora do CEFET-RJ, denominada **As Luzes da Educação: Fundamentos, Raízes Históricas e Prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro – 1759-1834**³².

Como vem sendo acentuado ao final das considerações de cada conjunto, também no presente caso os GTs do HISTEDBR poderão dar uma contribuição significativa para o levantamento do estado da arte na área de história da educação no Brasil. Seria indispensável buscar aquelas obras desconhecidas, pois produzidas em âmbito regional e carentes de divulgação. Esse trabalho não pode ser considerado desprovido de significado, pois, com o aporte de novas informações positivas, contribuirá para a produção de uma nova síntese sobre o processo de produção da escola, entre nós.

CONJUNTO 5: HISTORIOGRAFIA – ARTIGOS, RESENHAS E NOTAS DE LEITURA DIFUNDIDOS POR PERIÓDICOS

Esses trabalhos mais restritos, difundidos por periódicos, mesmo quando alguns não se referiram diretamente às Reformas Pombalinas da Instrução Pública como um todo ou a aspectos específicos de sua implantação no Brasil, contribuem para a discussão do ideário educacional da época. Seus autores são, quase sempre, pesquisadores universitários, sobretudo da área de história da educação.

Os artigos, resenhas, notas de leitura e pequenos ensaios são as formas de difusão dos resultados de estudos e pesquisas adotados pelos periódicos especializados. Na área de educação, o trabalho de levantamento das matérias que interessam ao período em foco ainda está por ser feito. Como tarefa a ser desenvolvida, caberia uma triagem nas principais

³⁰ SCHNEIDER, Regina Portella. **A Instrução Pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; EST Edições, 1993. 496 p.

³¹ ALVES, Gilberto Luiz. **O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836**. Ibitinga, SP: Humanidades, 1993. 201 p.
Essa obra teve uma segunda edição da Autores Associados, de Campinas, no ano de 2001.

³² CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. **As Luzes da Educação: Fundamentos, Raízes Históricas e Prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro – 1759-1834**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. 330 p.

revistas brasileiras, a exemplo da **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, do INEP; **Educação e Sociedade**, do CEDES; **Revista Brasileira de Educação**, da ANPED; **Revista Brasileira de História da Educação**, da Sociedade Brasileira de História da Educação, e **Cadernos de Pesquisa**, da Fundação Carlos Chagas. Seria importante, ainda, que esse levantamento fosse acompanhado, em paralelo, pelo levantamento das matérias publicadas nas revistas regionais e locais da área de educação.

O material recolhido, com certeza, complementaria diversos conjuntos da literatura pedagógica aqui discriminados.

Os resultados de uma tal triagem, possivelmente, não revelará uma quantidade elevada de títulos referentes à época das reformas pombalinas da instrução pública. Só para efeito de ilustração, os sete números já publicados da revista especializada da área de história da educação, a **Revista Brasileira História da Educação**, da Sociedade Brasileira de História da Educação, contem treze matérias que interessam ao período em referência.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:
MATÉRIAS QUE INTERESSAM À ÉPOCA DAS REFORMAS POMBALINAS DA
INSTRUÇÃO PÚBLICA

Número 1 Jan./jun. 2001	2/8 Artigos	1. Dominique Julia. A Cultura Escolar como Objeto Histórico.
	1/2 Resenhas	2. David Hamilton. <i>Notas de Lugar Nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna.</i>
	0/2 Notas de Leitura	3. Ana Elisa de Arruda Penteadó. Nostalgia do mestre artesão , de Antonio Santoni Rugiu.
Número 2 Jul./dez. 2001	1/6 Artigos	4. Laerte Ramos de Carvalho. <i>A educação brasileira e a sua periodização.</i>
	0/1 Resenha	
	1/1 Nota de Leitura	5. Daniel C. A. Lemos, Inára Garcia & Winston Sacramento: Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais , de Maria de Lourdes Fávero e Jader de Medeiros Britto.
Número 3 Jan./jun. 2002	1/5 Artigos	6. Casemiro dos Reis Filho. <i>Transplante da educação européia no Brasil.</i>

<p>Número 4 Jul./dez. 2002</p>	<p>0/2 Resenhas 0/1 Nota de Leitura 3/6 Artigos</p>	<p>7. Jean Hébrard. <i>Os livros escolares da Bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade?</i> 8. Jair Rodrigues. <i>Celso Suckow da Fonseca e a sua “História do ensino industrial no Brasil”</i>. 9. Marcus Vinícius Fonseca. <i>Educação e escravidão: um desafio para a análise historiográfica</i>. 10. Patrícia Cristina Fincatti Moreira. As Luzes da Educação: Fundamentos, Raízes Históricas e Prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro (1759-1834), de Tereza Maria Rolo Levy Cardoso.</p>
<p>Número 5 Jan./jun. 2003</p>	<p>0/1 Nota de Leitura 1/5 Artigos</p>	<p>11. Bruno Bontempi Júnior. “<i>A educação brasileira e sua periodização</i>”: <i>vestígio de uma identidade disciplinar</i>.</p>
<p>Número 6 Jul./dez. 2003</p>	<p>0/3 Resenhas 0/1 Dossiê 0/6 Artigos 0/4 Resenhas 0/1 Nota de Leitura</p>	
<p>Número 7 Já./jun. 2004</p>	<p>1/7 Artigos 1/2 Resenhas</p>	<p>12. Maria Laura Magalhães Gomes. <i>Diderot e o sentido político da educação matemática</i>. 13. André Luiz Paulilo. Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária, de Edward Thompson.</p>

Observe-se que, das treze matérias de importância para o período pleiteado, neste trabalho:

1. três são resenhas de livros, dos quais dois – **Nostalgia do Mestre Artesão**, de Antonio Santoni Rugiu, e **As Luzes da Educação: Fundamentos, Raízes Históricas e Prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro (1759-1834)**, de Tereza Maria Rolo Levy Cardoso – foram referidos nos conjuntos entre os quais a literatura pedagógica foi classificada;
2. uma é nota de leitura, alusiva ao **Dicionário de Educadores no Brasil**, de Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero e Jader de Medeiros Britto;
3. as demais, em número de nove, são artigos que envolvem:
 - a) uma discussão de Dominique Julia sobre *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*;
 - b) um denso estudo de David Hamilton, denominado *Notas de Lugar Nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna*;
 - b) dois artigos de importância histórica, pois são elaborações de dois pioneiros da historiografia referente à área de história da educação no Brasil: Laerte Ramos de Carvalho, que discute a periodização da educação brasileira, e Casemiro dos Reis Filho, que aborda a questão do “*Transplante da educação européia no Brasil*”. O primeiro é uma reprodução de matéria já publicada anteriormente, enquanto o segundo é um inédito só conhecido pelos alunos do autor, quando lecionava história da educação na PUC de São Paulo;
 - c) um artigo comenta o conteúdo deste trabalho de Laerte Ramos de Carvalho;
 - d) Jean Hébrard aborda a temática “*Os livros escolares da Bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade?*”
 - e) outro artigo discute Celso Suckow da Fonseca e a sua obra “**História do ensino industrial no Brasil**”;
 - f) outro, ainda, discute a relação entre educação e escravidão
 - g) e o último associa Diderot à educação matemática.

A rigor, nenhuma matéria, dentre as poucas publicadas, dão qualquer contribuição direta ao entendimento das reformas pombalinas da instrução pública, no Brasil. As matérias de alguma importância sobre a questão ou se resumem ao aspecto metodológico relativo à periodização ou veiculam informações sobre as idéias e práticas escolares de sua época, dominantes em outros países.

CONJUNTO 6: HISTORIOGRAFIA – ENSAIOS SOBRE O BRASIL

O Conjunto 6 envolve as obras que veiculam extensos ensaios interpretativos, de caráter sintético, sobre a formação histórica do Brasil. Elas explicitam, também, concepções educacionais de seus autores, normalmente intelectuais de projeção, nem sempre ligados à academia.

Esses intelectuais têm sido, cada vez mais assiduamente, designados “grandes intérpretes do Brasil”. A expressão vem sendo reiterada em diversas publicações. A Editora Nova Aguilar publicou uma coletânea utilizando essa designação³³. Uma outra obra, que explora

³³ **INTÉRPRETES do Brasil**. Coordenação, seleção de livros e prefácio de Silviano Santiago. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3 v. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)

a mesma expressão, foi lançada pela Editora Artes e Ofícios. Organizada por Gunter Axt e Fernando Luis Schüler³⁴, ela reúne estudiosos que analisam as idéias de diversos pensadores.

É importante a apreensão das funções atribuídas à educação, por esses intelectuais, para o que se faz necessário aprofundar os estudos sobre as suas mais significativas obras. No caso em foco, a preocupação seria a de colher sua interpretação sobre a educação brasileira nessa fase colonial dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública.

Sem que se faça uma nomeação exaustiva dos estudiosos cujas obras poderiam ser pleiteadas numa plataforma de investigação na perspectiva aqui sugerida, vale relacionar, pelo menos, alguns personagens que precisam integrar o rol das figuras a serem estudadas de forma sistemática: os inconfidentes, Azeredo Coutinho, Visconde de Cairu, José Bonifácio, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Oliveira Viana, Rui Barbosa, Gilberto Freyre, Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Darcy Ribeiro e outros. Em especial na área de história, já se encontram disponíveis os resultados de algumas investigações centradas no deslindamento do pensamento e da obras desses personagens. Infelizmente, a educação ou é ignorada, em face da necessidade de delimitação dos objetos de pesquisa, ou merece referências ligeiras. Por isso, para efeito de exemplo, não são suficientes aos nossos objetivos os estudos sobre a escravidão, que já se reportaram a Azeredo Coutinho ou a Joaquim Nabuco; ou as discussões sobre a formação histórica do Brasil, centradas em Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Se essas investigações oferecem uma moldura importante para inserir os acontecimentos educacionais, criando dessa forma as condições para a revelação do lugar que a eles coube no pensamento desses homens, estudos especificamente educacionais precisam ser realizados para revelar de uma forma mais plena e clara o papel que atribuíram à educação para a conformação social e para a realização das plataformas políticas que pleitearam. Mesmo não se referindo ao período aqui considerado, um exemplo do que se deseja pode ser ilustrado com a obra **Rui Barbosa: uma análise do projeto modernizador para a sociedade brasileira com base na questão educacional**, de Maria Cristina Gomes Machado³⁵.

Essa obra contém *O Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *América Latina*, de Manoel Bonfim; *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana; *Vida e Morte do Bandeirante*, de Alcântara Machado; *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado; *Introdução à História da Sociedade patriarcal: 1. Casa-grande & Senzala; 2. Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre; *Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil: 3. Ordem e Progresso*, de Gilberto Freyre; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior e *A revolução burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes.

³⁴ AXT, Gunter e Schüler, Fernando Luis (orgs.). **Intérpretes do Brasil**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2004. 389 p.

³⁵ MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Rui Barbosa: uma Análise do Projeto Modernizador para a Sociedade Brasileira com base na Questão Educacional**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 208 p.

CONJUNTO 7: HISTORIOGRAFIA – ENSAIOS SOBRE EDUCAÇÃO

Grandes educadores brasileiros elaboraram importantes ensaios sobre a educação ao sabor de candentes conjunturas. Anísio Teixeira, em face da defesa dos princípios liberais da educação em momentos de reformas educacionais; Fernando de Azevedo, diante de oportunidades divisadas com a ascensão de Getúlio Vargas; José Veríssimo, diante da instauração da República; Nísia Floresta, angustiada com o menosprezo à educação feminina; Sampaio Dória e Paulo Freire, em face da ignorância da maioria dos brasileiros; Florestan Fernandes, na emergência de organização das campanhas de defesa da escola pública; Valnir Chagas, diante da implantação da reforma do ensino de 1º. E 2º. graus, em 1971; Dermeval Saviani, alimentando as posições políticas dos educadores ao longo da tramitação da última LDB, são exemplos ilustrativos. Pressionados por tais conjunturas políticas, esses educadores fizeram propostas pedagógicas, envolveram-se nos debates sobre reformas educacionais e pregaram suas idéias por meio de ensaios e artigos, os mais importantes transformados em livros ou difundidos em revistas científicas. Essas obras escritas são indispensáveis para o entendimento do processo de produção da escola brasileira.

Esse eminentes educadores brasileiros, acadêmicos ou não, pelas análises circunstanciadas que fizeram das conjunturas políticas em que foram atores importantes, procuraram também, iluminados pelas suas respectivas posturas teóricas, interpretar o passado da educação brasileira. São essas interpretações que cabe recuperar. Elas ilustram, ainda, o atendimento e o grau de diversificação das instituições educacionais implantadas no Brasil, no período que nos interessa.

Acrescente-se, ainda, que, dentre esses educadores, deve-se a Fernando de Azevedo a elaboração da obra mais influente e referida sobre a origem e o processo de produção da escola no Brasil. **A Cultura Brasileira**³⁶ foi o produto do labor intelectual de um educador profundamente comprometido com o escolanovismo. As considerações de Azevedo, contidas nessa obra de caráter sintético, foram absorvidas como verdades inquestionáveis, até bem recentemente. Algumas investigações científicas vêm demonstrando a necessidade de se rever os seus conceitos e interpretações. Mas o trabalho de crítica mal começou e é relevante que se aprofunde. Fernando de Azevedo ainda é muito citado de forma acrítica; ainda é a grande referência dos estudos histórico-educacionais no Brasil, mesmo em face das inconsistências interpretativas que, cada vez mais, afloram sobre aspectos pontuais de sua obra.

Os demais grandes educadores brasileiros, aqui considerados, de forma não tão sistemática quanto a de Fernando de Azevedo, também expressaram o seu entendimento sobre a educação e o ensino no período colonial. Disseminados nas inúmeras obras de Anísio Teixeira, por exemplo, encontram-se muitos juízos sobre a escola herdada do período colonial. Inventários dessa natureza seriam importantes para construir uma visão do conjunto das interpretações referente ao período. No caso específico de Anísio Teixeira, a

³⁶ AZEVEDO, Fernando. *A transmissão da cultura*. In: **A Cultura Brasileira**. 5.ed.rev.ampl. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1971. 809 p. (Obras completas, 13)

tarefa, talvez, seja facilitada pela copiosa quantidade de estudos sobre a sua obra. Clarice Nunes, Stela Borges de Almeida, Ana Waleska Pollo Campos Mendonça, Luís Viana Filho, são somente alguns dos principais estudiosos da produção intelectual e da ação pedagógica do educador baiano.

O balanço da produção científica na área de história da educação não pode menosprezar esse tipo de contribuição. A compreensão do processo de produção da escola no Brasil precisa revelar as concepções construídas, sobre o passado educacional do País, por educadores como o Barão de Macaúbas³⁷, Nízia Floresta³⁸, José Veríssimo³⁹, José Ricardo Pires de Almeida⁴⁰, Primitivo Moacyr⁴¹, Carneiro Leão⁴², Sampaio Dória⁴³, Fernando de Azevedo⁴⁴, Lourenço Filho⁴⁵, Anísio Teixeira⁴⁶, Tito Lívio Ferreira⁴⁷, Geraldo Bastos

³⁷ BORGES, Abílio César (Barão de Macahubas). **A Lei Nova do Ensino Infantil**. Bruxellas: Typographia e Lithographia E. Guyot, 1884. 29 p.

³⁸ FLORESTA, Nízia. **Opúsculo Humanitário**. Intr. E notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Natal, RN: Fundação José Augusto, 1989. 164 p.

³⁹ VERISSIMO, José. **A Educação Nacional**. 2.ed.aument. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906. 207 p.

⁴⁰ ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. São Paulo: PUC; Brasília: INEP, 1989. 365 p. (Memórias da educação brasileira)

⁴¹ As suas obras mais difundidas são: MOACYR, Primitivo. **A instrução e as Províncias: Subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834-1889**. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939-40. 3 v. (Brasiliana, 147, 147-A, 147-B); MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império: Subsídios para a História da Educação no Brasil – 1823-1889**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936-38. 3 v. (Brasiliana, 66, 87, 121) e MOACYR, Primitivo. **A instrução Pública no Estado de São Paulo: Primeira Década Republicana – 1890-1893**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. 2 v. (Brasiliana, 213, 213-A)

⁴² LEÃO, A. Carneiro. **A Educação para o Após Guerra**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1944. 117 p.; LEÃO, A. Carneiro. **A Educação para um Mundo Democrático**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1945. 180 p.; LEÃO, A. Carneiro. **Palavras de Fé**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1928]. 364 p. e LEÃO, A. Carneiro. **A Sociedade Rural: seus Problemas e sua Educação**. Rio de Janeiro: Editora S. A. A Noite, s.d. 368 p.

⁴³ DORIA, A. de Sampaio. **Como se Ensina**. 1.ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1923. 136 p.; DORIA, A. de Sampaio. **Educação**. São Paulo: Nacional, 1933. 437 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 17); DORIA, A. de Sampaio. **Educação Moral e Educação Econômica: suas bases sua aplicação na escola**. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1928]. 112 p. e DORIA, A. de Sampaio. **Princípios de Pedagogia: Ensaios**. São Paulo: Poci-Weiss & C., 1914. 124 p.

⁴⁴ Além de **A Cultura Brasileira**, obra já referida, outros escritos importantes de Fernando de Azevedo sobre a educação podem ser listados: AZEVEDO, Fernando de. **A Educação entre Dois Mundos: Problemas, Perspectivas e Orientações**. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 239 p. (Obras Completas, 16); AZEVEDO, Fernando de. **A Educação e seus Problemas**. 4.ed.rev.ampl. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 2 v. (Obras Completas, 8); AZEVEDO, Fernando de. **Novos Caminhos e Novos Fins: a Nova Política de Educação no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 256 p. (Obras Completas, 7); AZEVEDO, Fernando de. **A Educação na Encruzilhada: Problemas e Discussões**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 271 p. (Obras Completas, 6) e AZEVEDO, Fernando de. **A Educação Pública em São Paulo: Problemas e Discussões**. São Paulo: Nacional, 1937. 457 p. (Brasiliana, 98)

Silva⁴⁸, Paulo Freire⁴⁹, Jorge Nagle⁵⁰, Valmir Chagas⁵¹, Florestan Fernandes⁵² Casemiro dos Reis Filho⁵³, Dermeval Saviani⁵⁴, Maria Beatriz Nizza da Silva⁵⁵ e tantos outros. Nas referências correspondentes, não foi feita uma relação exaustiva das obras desses estudiosos. Somente foram citadas algumas de suas mais importantes obras.

⁴⁵ LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1930]. 233 p. (Bibliotheca de Educação, 11); LOURENÇO FILHO, M. B. **A Pedagogia de Rui Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956. 130 p. e LOURENÇO FILHO, M. B. **Tendências da Educação Brasileira**. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1942]. 161 p. (Biblioteca de Educação, 29)

⁴⁶ São alguns dos seus mais importantes trabalhos: TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Mundo Moderno**. São Paulo: Nacional, 1969. 245 p. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 12); TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um Direito**. São Paulo: Nacional, 1968. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 8); TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1971. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 10); TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1969. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 3); TEIXEIRA, Anísio. **Educação Progressiva: uma Introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Nacional, 1933. (Bibliotheca Pedagógica Brasileira, 3) e TEIXEIRA, Anísio. *Relatório do Director Geral do Departamento de Educação: Outubro de 1931 a Dezembro de 1934*. Separata do **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, DF, Anno IV, Números 11 e 12, jul. e dez. 1934. 295 p.

⁴⁷ FERREIRA, Tito Lívio. **História da Educação Luso-brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1966. 287 p.

⁴⁸ SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária: Perspectiva Histórica e Teoria**. São Paulo: Nacional, 1969. 416 p. (Atualidades Pedagógicas, 94)

⁴⁹ FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 150 p. e FREIRE, Paulo. **Pedagogia del Oprimido**. Trad. de Jorge Mellado. 7.ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina, 1973. 255 p.

⁵⁰ NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. 400 p.

⁵¹ CHAGAS, Valmir. **Educação Brasileira: o Ensino de 1º. e 2º. Graus – antes, agora e depois?** São Paulo: Saraiva, 1978. 386 p.

⁵² FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966. 620 p.

⁵³ REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão Liberal**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1981. 214 p. (Coleção Educação Contemporânea; Série Memória da Educação)

⁵⁴ SAVIANI, Dermeval. **Educação Brasileira: Estrutura e Sistema**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1975. 146 p.; SAVIANI, Dermeval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980. 224 p. (Coleção Educação Contemporânea); SAVIANI, Dermeval. **Educação e Questões da Atualidade**. São Paulo: Livros do Tatu; Cortez, 1991. 118 p. (Coleção Educação Hoje e Amanhã); SAVIANI, Dermeval. **Ensino Público e Algumas Falas sobre Universidade**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985. 110 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 10); SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 35 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 96 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 5); SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, , 1991. 112 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo: 40) e SAVIANI, Dermeval. **Política e Educação no Brasil: o Papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987. 159 p. (Coleção Educação Contemporânea)

⁵⁵ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura no Brasil Colônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. 176 p. (História Brasileira, 6) e SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). **O Império Luso-brasileiro: 1750-1822**. Lisboa: Estampa, 1986. 613 p.

CONJUNTO 8: HISTORIOGRAFIA REGIONAL – MONOGRAFIAS DESCRITIVAS TRANSFORMADAS EM LIVROS

As obras aqui reunidas são monografias, predominantemente descritivas, que discorrem sobre os acontecimentos educacionais de diferentes regiões brasileiras. Elas contribuem para caracterizar a amplitude do atendimento e o grau de diversificação das instituições educacionais implantadas nas unidades federadas, inclusive na época das reformas pombalinas da instrução pública. Seus autores são historiados diletantes que se radicaram nessas regiões brasileiras e aí produziram, sobretudo antes do surgimento de instituições de ensino superior nos locais correspondentes.

São raras ou pouco difundidas as obras que realizam o balanço das contribuições ensejadas pela historiografia regional ao estudo histórico da educação brasileira. A reunião dos resultados dessa historiografia pode, talvez, colocar por terra muitas afirmações que transitam nas mais influentes obras de nossa literatura educacional como verdades inquestionáveis. A idéia de Fernando de Azevedo, por exemplo, da destruição do ensino jesuítico e da educação arrasada na época pombalina, parece, não se sustentaria em face de um trabalho sistemático de levantamento dos acontecimentos educacionais nas diversas regiões brasileiras, à época, em especial daquelas mais atrasadas, normalmente desprezadas pelas sínteses teóricas dominantes entre nós. Foi o que verificamos em trabalho realizado sobre a educação mato-grossense⁵⁶. Focando os historiadores diletantes, foi possível constatar que aulas régias foram implantadas nas principais vilas coloniais da região – Cuiabá, Vila Bela, Diamantino e Poconé –, o que se confirmou em estudos posteriores sustentados por base documental. Dentre as obras desses historiadores diletantes, em Mato Grosso, merecem referência **Datas mato-grossenses**, de Estevão de Mendonça⁵⁷; **Questões de ensino**, de Virgílio Corrêa Filho⁵⁸, **História do ensino em Mato Grosso**, de Humberto Marcílio⁵⁹, **Um século de instrução pública: história do ensino primário em Mato Grosso**, de Gervásio Leite⁶⁰ e **Evolução do ensino em Mato Grosso**, de Rubens de Mendonça⁶¹. Mesmo tendo, alguns, desempenhado o magistério, as atividades profissionais

⁵⁶ ALVES, Gilberto Luiz. *Aulas Régias em Mato Grosso: o Discurso da Historiografia Regional (1. Os Historiadores Diletantes)*. IV Jornada do HISTEDBR. **Anais História e Historiografia da Educação: Abordagens e Práticas Educativas**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 05 a 07.jul.2004. CDRom do evento.

⁵⁷ MENDONÇA, Estevão de. **Datas mato-grossenses**. Nicheroi: Escola Typ. Salesiana, 1919. 2 v.

⁵⁸ CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de ensino**. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. 94 p. (Monographias Cuiabanas, 1)

⁵⁹ MARCÍLIO, Humberto. **História do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: Secretaria de Educação, Cultura e Saúde do Estado, 1963. 226 p.

⁶⁰ LEITE, Gervásio. **Um século de instrução pública: história do ensino primário em Mato Grosso**. (Goiânia): Editora Rio Bonito, s.d. 180 p.

⁶¹ MENDONÇA, Rubens de. **Evolução do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: s.ed., 1977. 56 p.

desses homens foram outras. Praticaram a advocacia, o jornalismo, a engenharia e desempenharam funções e cargos públicos. Produziram com prazer e espontaneidade, ao que parece, pois nunca foram tangidos a escrever por obrigações ligadas ao exercício profissional. Daí ser apropriado qualificá-los como historiadores diletantes. Seus escritos principais não pleitearam a área da educação, mas, reunidos como num mosaico, os resultados de suas incursões histórico-educacionais permitem construir um quadro relativamente abrangente das iniciativas encetadas no campo da instrução pública mato-grossense. Como contrapartida, a incorporação das elaborações neles contidas exige cuidados, pois se flagram, no seu interior, ênfases em fatos parciais, reiterações acríticas de informações veiculadas anteriormente, lacunas e ambigüidades no que se relaciona à identificação das fontes, além de interpretações subjetivas e aligeiradas.

Uma outra tarefa importante a ser desempenhada pelos GTs do HISTEDBR, poderá ser exatamente essa de inventariar as contribuições dos historiadores diletantes nas diferentes regiões brasileiras. As obras desses historiadores permitem uma primeira aproximação dos acontecimentos educacionais, nas regiões correspondentes, e, se as informações que veiculam carecem de confirmação documental, expõem evidências de que muitas das interpretações dominantes na literatura especializada exigem, igualmente, o mesmo respaldo documental.

2. A NECESSIDADE DE SUPERAÇÃO DAS CARICATURAS IDEOLÓGICAS

Como foi anunciado, o trabalho se limitou a fazer uma primeira aproximação da literatura educacional referente à época das reformas pombalinas da instrução pública no Brasil. Foi feito o que chamamos mapeamento dessa literatura. Mesmo tal mapeamento precisa ser complementado. A crítica, envolvendo os aspectos teórico-epistemológico e político-ideológico, nem foi tocada. Mas, para que essa questão não passe em branco, uma consideração de ordem geral, que consideramos da maior importância, merece destaque. Trata-se da necessidade de superação das caricaturas ideológicas, que dominam grande parte da historiografia relativa à educação brasileira. Para esclarecer o teor da crítica, retomamos o conteúdo de um trabalho apresentado em mesa redonda no I Congresso da Sociedade Brasileira de História da Educação, realizado no Rio de Janeiro.

Quanto ao período colonial, já afirmávamos, nesse trabalho, que são muito díspares tanto as interpretações da obra educacional da Companhia de Jesus, quanto dos resultados das reformas pombalinas da instrução pública no Brasil. Isso não pode ser entendido só como decorrência das posturas teóricas divergentes dos estudiosos. As diferentes construções analíticas voltadas para o estudo dessas temáticas estão, muitas vezes, contaminadas pelos subprodutos mais superficiais do combate histórico e terminam por reiterar caricaturas ideológicas, largamente difundidas, quando não criam outras. Essas caricaturas colocam em tela a necessidade de reexame das diferentes contribuições dadas à educação brasileira, em todos os tempos, calcado em atitude científica que permita superá-las por incorporação. Por ser oportuno, o essencial do trabalho apresentado no evento já referido é resumido a seguir.

“(…) O estudioso que se debruça sobre as idéias, não somente as educacionais, percebe que, no processo de luta que lhes dá substância e significado, tanto as novas correntes quanto aquelas já estabelecidas há mais tempo procuram desqualificar os seus opostos fazendo deles caricaturas. Se é compreensível que tal ocorra no aceso da luta política, menos justificável é a preservação dessas caricaturas pela crítica científica, em especial quando as lutas particulares que lhes deram origem já tenham sido superadas pelo tempo. Mais sério, parece que as caricaturas preservadas infiltram-se na produção científica e impedem que as idéias e realizações educacionais sejam superadas por incorporação. Enfim, as caricaturas representam óbices à incorporação dessas idéias e realizações educacionais ao patrimônio humano.

Para efeito de exemplo, uma caricatura construída no sentido de desqualificar as idéias educacionais e o sistema de ensino jesuítcos se revela nos documentos emitidos à época pombalina, no conjunto dos quais pode ser tomado como exemplo o Alvará Régio, de 28 de junho de 1759. Documento fundamental das reformas pombalinas da instrução pública nos domínios de Portugal, em seus considerando introdutórios o Rei, claramente movido pela ação política de Pombal, afirma ter sido o trabalho pedagógico jesuítico motivado por “*sinistros intentos, e infelices successos*”; identifica o “*pernicioso Mhethodo*” da Companhia de Jesus como “*escuro, e fastidioso*”, alegando, ainda, ser expressão do “*máo gosto*” e de ter produzido “*a ruina dos Estudos*”.⁶²

Outra caricatura expressiva é a traçada pelo escolanovismo em relação àquilo que denominou *escola tradicional*, expressão que entranhou o senso comum dominante entre os educadores. O **Manifesto dos Pioneiros** faz ressaltar um ilustrativo retrato da *escola tradicional*. No âmbito da educação, as instituições dominantes seriam “*creações artificiaes ou deformadas pelo egoismo e pela rotina*” e os “*methodos*” teriam se tornado “*prodigiosamente rotineiros*”. Quanto aos “*programmas*”, haviam se fixado “*nos quadros de segregação social, em que os encerrou a republica, há 43 annos, emquanto nossos meios de locomoção e os processos de industria centuplicaram de efficacia, em pouco mais de um quartel de seculo*”. A escola, no Brasil, finaliza, havia permanecido “*isolada do ambiente, como uma instituição enkistada no meio social, sem meios de influir sobre elle*”.⁶³

Características presentes nas caricaturas são as *meias verdades* e a *omissão de distinções históricas* importantes. A crítica de Fernando de Azevedo às origens da *escola tradicional* no Brasil, por exemplo, é passível de reparos. Ela dá realce, sobretudo, ao aspecto “*destrutivo*” das reformas pombalinas⁶⁴ em face da escola jesuítica, que lhe antecederam. A

⁶² ALVES, Gilberto Luiz. *Nacional e regional na história educacional brasileira: uma análise sob a ótica dos estados mato-grossenses. Educação no Brasil: história e historiografia*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: SBHE, 2001, p. 182-3. As expressões entre aspas são retiradas do *ALVARÁ Régio, de 28 de junho de 1759, em que se extinguem todas as Escolas reguladas pelo método dos Jesuítas e se estabelece um novo regime. Diretor dos Estudos, Professores de Gramática Latina, de Grego e Retórica*. In: ALVES, Gilberto Luiz. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande: UFMS/ Imprensa Universitária, 1984, p. 113-20.

⁶³ **A RECONSTRUÇÃO Educacional no Brasil: ao Povo e ao Governo, Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. p. 36-7.

⁶⁴ “Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, o que sofreu o Brasil não foi uma reforma de ensino, mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial do ensino jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que essa destruição fosse acompanhada de medidas imediatas, bastante eficazes para lhe atenuar os efeitos ou reduzir a sua extensão. Quando o decreto do Marquês de Pombal dispersou os padres da Companhia, expulsando-os da Colônia e confiscando-lhes os bens, fecharam-se de um momento para outro os seus

compreensão da “*ação destrutiva*” de Pombal não é buscada no âmbito do combate histórico, na luta entre as forças feudais, atadas ao passado, e aquelas outras que formularam um projeto de modernização burguesa para o Reino aliando-se ao Monarca.

Da mesma forma, as considerações que esse grande educador faz ao ensino mútuo não expõem essa técnica de ensino como um primeiro recurso, precário sim, mas importante para difundir a educação, quando ainda limitados eram os meios para tal. Uma conjuntura marcada pela ausência de recursos materiais e, principalmente, pela escassez de professores que pudessem assumir as atividades de ensino, determinaram a emergência dessa técnica, que potencializava o trabalho do professor e possibilitava um primeiro expressivo impulso no sentido de expandir os serviços educacionais. Para Fernando de Azevedo, o ensino mútuo, técnica didática disseminada no âmbito da *escola tradicional*, foi tão somente “*um dos episódios mais curiosos e significativos dessa facilidade, que nos é característica, em admitir soluções simplistas e primárias para problemas extremamente complexos.*”⁶⁵

Mas, a par dessas limitações, típicas das caricaturas, o movimento escolanovista não pode ser reduzido pela crítica à caricatura por ele feita da *escola tradicional*, nem pode ser criticado com base nas caricaturas que as tendências contemporâneas construíram, em seguida, acerca dele. As contribuições que deu à interpretação da educação brasileira; o seu incentivo à pesquisa educacional, visando superar o grosseiro “*empirismo dominante*”; o seu esforço no sentido de impor uma solução apropriada às edificações escolares; a diversificação dos recursos didáticos que ensejou, bem como a massificação da discussão sobre as técnicas de ensino; a difusão de literatura pedagógica, que empreendeu através de um esforço hercúleo de tradução e de produção, e as cruzadas nacionais em defesa da escola pública foram passos importantes para colocar o debate educacional, entre os especialistas, num patamar superior e ampliá-lo para o âmbito da sociedade civil. O escolanovismo criou um ambiente educacional muito mais rico entre nós, colocando à disposição da formação de muitos algo somente acessível, até então, àqueles raros educadores que fundaram laços de intercâmbio com os países mais avançados.

Alguns contra-sensos se revelam, inclusive, entre a dura crítica ao escolanovismo, no âmbito do discurso, e a apropriação que muitos dos críticos fazem das elaborações de estudiosos escolanovistas. Quanto a esse aspecto, tome-se como referência, ainda, a obra de Fernando de Azevedo. Grande parte dos estudiosos continua citando *A transmissão da cultura*, parte terceira de **A Cultura Brasileira**, incorporando aspectos das elaborações nela contidas. Em absoluto a nossa crítica se dirige à utilização dessa obra como fonte de referência. Essa utilização deve ser, ao contrário, incentivada. O estranho é que são incorporadas, inclusive, aquelas conclusões que exigem reparos profundos. Por exemplo, a idéia de destruição do sistema colonial de ensino por Pombal, que deixa passar desapercibido o combate entre as forças feudais e a burguesia no Reino português – o que

colégios, de que não ficaram senão os edifícios, e se desconjuntou, desmoronando-se completamente, o aparelhamento de educação, montado e dirigido pelos jesuítas no território brasileiro.” AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**, op. cit., p. 547.

⁶⁵ Id., *ibid.*, p. 572, nota 11.

elimina a história, portanto –, domina o grosso da historiografia brasileira e a fonte que lhe dá autoridade é Fernando de Azevedo. Também a análise dualista dos planos de estudos que passaram a caracterizar os colégios-seminários brasileiros, à época pombalina, é sistemática na historiografia. Segundo essa análise, a singularidade dos colégios-seminários pombalinos teria sido a de acrescentar aos estudos humanísticos, dominantes nos colégios jesuíticos, as ciências modernas. A idéia veiculada é a de que teria ocorrido, pura e simplesmente, um acréscimo ou uma superposição. Contudo, analisando-se as mudanças que os colégios-seminários pombalinos impuseram às disciplinas da parte humanística do currículo, percebe-se que: a) a língua portuguesa ganhou supremacia em relação à língua latina nos estudos de gramática; b) o orador sacro deixou de ser o ideal de homem dos estudos de retórica, que passaram a celebrar o diplomata e c) a filosofia tomista, de base aristotélica, foi suprimida do âmbito da ética e da filosofia racional. Até mesmo a teologia sofreu mudanças profundas para ajustar-se às determinações do *regalismo*.⁶⁶

Mesmo em face da necessidade de uma depuração das análises de Fernando de Azevedo pela crítica científica, não há como deixar de reconhecer a imensa riqueza de sua obra. Seria um enorme prejuízo se as caricaturas produzidas contra o escolanovismo pudessem manter o afastamento de muitos estudiosos de fontes insubstituíveis para o entendimento da educação brasileira. Movidos pela desqualificação que a caricatura realizou acerca do escolanovismo, jovens pesquisadores têm deixado de explorar as instigantes pistas e os sólidos recursos que esse movimento colocou à disposição de novas investigações. Nesse sentido, a monumental obra de Fernando de Azevedo, na qual merece destaque especial *A transmissão da cultura*, continua sendo um repositório dos mais importantes.

Não podem ser omitidas, igualmente, as fontes bibliográficas e documentais das obras de Fernando de Azevedo, um manancial de extrema riqueza para jovens pesquisadores, ainda não suficientemente explorado mesmo nos cursos de mestrado e de doutorado em educação no Brasil.

Concluindo, afirme-se que a análise do patrimônio histórico-educacional, entre nós, tem transitado abruptamente da crítica negativa à apologia. Nem aquela nem esta são o caminho da crítica científica, o caminho da superação por incorporação. A posição defendida não aponta, em absoluto, para a defesa do ecletismo. Não se trata de combinar “*aspectos positivos*” de contribuições teóricas que se colocam em terrenos epistemológicos inconciliáveis. Trata-se, isto sim, de não examinar aquele patrimônio através das lentes das caricaturas. Com certeza, para a crítica e superação por incorporação do patrimônio educacional de que nos tornamos herdeiros, não contribuem as análises calcadas em caricaturas construídas para demolir a época antecedente ou os adversários. Da mesma forma, quando visam fazer o balanço das contribuições de um movimento pedagógico qualquer, são inócuas as críticas que incidem sobre as caricaturas dos adversários do movimento considerado. As reformas pombalinas da instrução pública não podem ser reduzidas à caricatura que construíram sobre a época jesuítica nem podem ser analisadas através da caricatura que o escolanovismo fez delas. Da mesma forma, o escolanovismo

⁶⁶ Essa discussão é desenvolvida mais extensamente em ALVES, Gilberto Luiz. **O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836**. 2.ed.rev. Campo Grande, MS: Editora UFMS; Campinas: Autores Associados, 2001. 254 p.

não pode ser avaliado com base na caricatura que produziu acerca da escola tradicional nem pode ser entendido a partir das lentes das caricaturas que as tendências contemporâneas elaboraram sobre ele. As caricaturas têm servido como instrumentos de luta política e são compreensíveis sob essa ótica, mas, pelas simplificações que carregam, jamais conseguem revelar o conjunto e a integridade das idéias que fundamentam tanto os movimentos adversários quanto os que dão conteúdo aos movimentos que representam. Ainda usando o escolanovismo como exemplo, afirme-se que pelo caminho da crítica científica pode ser superado o sectarismo do discurso que o nega, ainda em nossa época. Pode ser superada, também, a prática conciliadora, mesmo daqueles que, em suas obras, usam um discurso sectário, mas incorporam acriticamente análises, até mesmo as inconsistentes, dos estudiosos escolanovistas. Pode, por fim, ser vivificada a investigação científica na área de educação pelo aproveitamento das inúmeras pistas de pesquisa abertas pelos estudiosos escolanovistas; pelo exame mais acurado de sua produção historiográfica e pela exploração mais rigorosa do rico patrimônio documental que começaram a revelar aos especialistas da educação.

A discussão aqui realizada, como se pode constatar, tem um caráter muito pontual, ainda. Nem poderia ser diferente, pois carece de aprofundamentos que só a verticalização dos estudos historiográficos permitirá, no futuro. Muitas afirmações podem merecer correções, complementações ou exigem maior sustentação empírica. Mas, em favor da ótica de análise adotada, deve ser afirmado o caráter preliminar das considerações tecidas. Deve ser dito, também, que ela deixa delineada uma plataforma de trabalho, que só poderá ser desenvolvida a contento se congregar uma ampla gama de esforços individuais combinados dentro de um coletivo nacional de pesquisa.

Um adendo final ainda se impõe. A discussão centrada no escolanovismo pode dar a impressão de que principalmente ele fez caricaturas, o que poderia ter gerado, num momento posterior, respostas idênticas de seus adversários. Não, as caricaturas estão disseminadas. Largamente difundidas, elas têm exacerbado o debate acadêmico e contaminado uma expressiva parte da historiografia educacional, independente de afiliações às correntes teórico-metodológicas presentes no mercado de idéias pedagógicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, cabe resumir algumas conclusões que estão subentendidas ou colocadas de uma forma ainda difusa no texto:

1. O trabalho de levantamento do estado da arte dos estudos e investigações na área de história da educação, no Brasil, só pode começar por meio de mapeamentos como o elaborado, neste trabalho. Frise-se, mais uma vez, só nos limitamos a fazer uma primeira aproximação descritiva da literatura educacional correspondente ao período focalizado;
2. O presente mapeamento necessita de complementações que demandam a colaboração sistemática dos diversos GTs do HISTEDBR;
3. A configuração do estado da arte dos estudos na área de história da educação, no Brasil, meta da maior importância, também demanda esforços redobrados dos GTs

do HISTEDBR, pois implica o exercício da crítica, sob os dois aspectos já mencionados: o teórico-epistemológico e o político-ideológico;

4. O presente trabalho de mapeamento torna evidente a significativa presença de integrantes do HISTEDBR nas investigações sobre essa fase da educação colonial, no Brasil, dominada pelas reformas pombalinas da instrução pública;

A produção dos historiadores da educação, no País, inclusive dentro do HISTEDBR, ainda resulta, de forma dominante, de iniciativas individuais. Não há indícios de grupos de pesquisas com unidade teórica e prioridades quanto a objetos.

FONTES

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. São Paulo: PUC; Brasília: INEP, 1989. 365 p. (Memórias da educação brasileira)

ALVARÁ Régio, de 28 de junho de 1759, em que se extinguem todas as Escolas reguladas pelo método dos Jesuítas e se estabelece um novo regime. Diretor dos Estudos, Professores de Gramática Latina, de Grego e Retórica. In: ALVES, Gilberto Luiz. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande: UFMS/Imprensa Universitária, 1984, p. 113-20.

ALVES, Gilberto Luiz. *Aulas Régias em Mato Grosso: o Discurso da Historiografia Regional (1. Os Historiadores Dilettantes)*. IV Jornada do HISTEDBR. **Anais História e Historiografia da Educação: Abordagens e Práticas Educativas**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 05 a 07.jul.2004. CDROM do evento.

ALVES, Gilberto Luiz. **Educação e História em Mato Grosso: 1719-1864**. Campo Grande, MS: UFMS/Imprensa Universitária, 1984. 156 p. (Publicações UFMS, 1)

ALVES, Gilberto Luiz. *Nacional e regional na história educacional brasileira: uma análise sob a ótica dos estados mato-grossenses*. **Educação no Brasil: História e Historiografia**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: SBHE, 2001, p. 163-88.

ALVES, Gilberto Luiz. **O Pensamento Burguês no Seminário de Olinda: 1800-1836**. Ibitinga,SP: Humanidades, 1993. 201 p.

ALVES, Gilberto Luiz Alves. **A Produção da Escola Pública Contemporânea**. Campo Grande, MS: Editora UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001. 288 p.

ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. **Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982. 670 p. (Temas portugueses)

ANDRADE, António Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal – 1ª. Parte**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1981. 2 v.

ANDRADE, António Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771): Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal – 2ª. Parte**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1981. 999 p.

ANDRADE, Antonio Alberto Banha de. **A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários no Brasil**. São Paulo: Saraiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 226 p.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 5.ed.rev.ampl. [São Paulo]: Melhoramentos; EDUSP, [1971]. 809 p. (Obras completas, 13).

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação entre Dois Mundos: Problemas, Perspectivas e Orientações**. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 239 p. (Obras Completas, 16)

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação e seus Problemas**. 4.ed.rev.ampl. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 2 v. (Obras Completas, 8)

AZEVEDO, Fernando de. **Novos Caminhos e Novos Fins: a Nova Política de Educação no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 256 p. (Obras Completas, 7)

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação na Encruzilhada: Problemas e Discussões**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. 271 p. (Obras Completas, 6)

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação Pública em São Paulo: Problemas e Discussões**. São Paulo: Nacional, 1937. 457 p. (Brasiliana, 98)

AXT, Gunter e Schüler, Fernando Luis (orgs.). **Intérpretes do Brasil**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2004. 389 p.

BORGES, Abílio César (Barão de Macahubas). **A Lei Nova do Ensino Infantil**. Bruxellas: Typographia e Lithographia E. Guyot, 1884. 29 p.

BOTO, Carlota. **A Escola do Homem Novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 207 p. (Encyclopaideia)

BRÊTAS, Márcia Maria Miranda. **A Gênese do Ensino Estatal em Mato Grosso (1759-1808)**. Cuiabá: Instituto de Educação/UFMT, 2000. 166 p.

CARDOSO, Tereza Maria Rolo Fachada Levy. **As Luzes da Educação: Fundamentos, Raízes Históricas e Prática das Aulas Régias no Rio de Janeiro – 1759-1834**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002. 330 p.

CARRATO, José Ferreira. **Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras Coloniais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. 311 p. (Brasiliana, 334)

CARVALHO, Laerte Ramos de. **As Reformas Pombalinas da Instrução Pública**. São Paulo: Saraiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1978. 241 p.

CHAGAS, Valnir. **Educação Brasileira: o Ensino de 1º. e 2º. Graus – antes, agora e depois?** São Paulo: Saraiva, 1978. 386 p.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **Questões de ensino**. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. 94 p. (Monographias Cuiabanas, 1)

DORIA, A. de Sampaio. **Como se Ensina**. 1.ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C., 1923. 136 p.

DORIA, A. de Sampaio. **Educação**. São Paulo: Nacional, 1933. 437 p. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 17)

DORIA, A. de Sampaio. **Educação Moral e Educação Econômica: suas bases sua aplicação na escola**. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1928]. 112 p.

DORIA, A. de Sampaio. **Principios de Pedagogia: Ensaios**. São Paulo: Poci-Weiss & C., 1914. 124 p.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque e BRITTO, Jader de Medeiros. **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / MEC-Inep, 1999. 496 p.

FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1966. 620 p.

FERREIRA, Tito Lívio. **História da Educação Luso-brasileira**. São Paulo: Saraiva, 1966. 287 p.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. Intr. E notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Natal, RN: Fundação José Augusto, 1989. 164 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 150 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia del Oprimido**. Trad. de Jorge Mellado. 7.ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina, 1973. 255 p.

GAMA, José Basílio. **O Uruguay**. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Clássica de Alves & Comp., 1893. 78 p. (Galeria de Escriutores Brasileiros)

GASPARIN, João Luiz. **Comênio ou a Arte de Ensinar Tudo a Todos**. Campinas, SP: Papirus, 1994. 187 p. (Coleção magistério, formação e trabalho pedagógico)

GASPARIN, João Luiz. **Comênio: a Emergência da Modernidade na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 147 p. (Coleção educação e conhecimento)

HOFF, Sandino. *Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborados por Ratke, no século XVII*. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: Anped; Autores Associados, n. 25, jan.fev.mar.abr. 2004, p. 143-55.

INTÉRPRETES do Brasil. Coordenação, seleção de livros e prefácio de Silviano Santiago. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 3 v. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)

JANNUZZI, Gilberta Sampaio de Martino. **Educação do Deficiente no Brasil: dos Primórdios ao Início do Século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. 243 p.

KULESZA, Wojciech A. **Comenius: a Persistência da Utopia em Educação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. 214 p. (Coleção repertórios)

LEÃO, A. Carneiro. **A Educação para o Após Guerra**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1944. 117 p.

LEÃO, A. Carneiro. **A Educação para um Mundo Democrático**. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1945. 180 p.

LEÃO, A. Carneiro. **Palavras de Fé**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1928]. 364 p.

LEÃO, A. Carneiro. **A Sociedade Rural: seus Problemas e sua Educação**. Rio de Janeiro: Editora S. A. A Noite, s.d. 368 p.

LEITE, Gervásio. **Um século de instrução pública: história do ensino primário em Mato Grosso**. (Goiânia): Editora Rio Bonito, s.d. 180 p.

LEONEL, Zélia. **Contribuição à História da Escola Pública: Elementos para a Crítica da Teoria Liberal da Educação**. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1994. 258 p. (Tese de doutoramento)

LINS, Ana Maria Moura. **Educação Moderna: Contradições entre o Projeto Civilizatório Burguês e as Lições do Capital**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. 154 p.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Origens da Educação Pública: a Instrução na Revolução Burguesa do Século XVIII**. São Paulo: Loyola, 1981. 127 p. (Coleção "EDUC-AÇÃO", 3)

LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000. 606 p.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao Estudo da Escola Nova**. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1930]. 233 p. (Bibliotheca de Educação, 11)

LOURENÇO FILHO, M. B. **A Pedagogia de Rui Barbosa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956. 130 p.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Tendências da Educação Brasileira**. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, [1942]. 161 p. (Biblioteca de Educação, 29)

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Rui Barbosa: uma Análise do Projeto Modernizador para a Sociedade Brasileira com base na Questão Educacional**. Rio de

Janeiro, RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 208 p.

MARCÍLIO, Humberto. **História do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: Secretaria de Educação, Cultura e Saúde do Estado, 1963. 226 p.

O MARQUEZ de Pombal: obra comemorativa do centenário da sua morte. Lisboa: Imprensa Nacional; Rio de Janeiro: Club de Regatas Guanabareense, 1885. Segunda Parte, 231 p.

MARX, Karl. **Manuscrítos Econômicó-filosóficó e outró textó escolhidó**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, 407 p.

MENDONÇA, Estevão de. **Datá mató-grossensé**. Nictheroi: Escola Typ. Salesiana, 1919. 2 v.

MENDONÇA, Rubens de. **Evolução do ensino em Mato Grosso**. Cuiabá: s.ed., 1977. 56 p.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império: Subsídios para a História da Educação no Brasil – 1823-1889**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936-38. 3 v. (Brasiliana, 66, 87, 121)

MOACYR, Primitivo. **A instrução e as Províncias: Subsídios para a História da Educação no Brasil – 1834-1889**. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939-40. 3 v. (Brasiliana, 147, 147-A, 147-B)

MOACYR, Primitivo. **A instrução Pública no Estado de São Paulo: Primeira Década Republicana – 1890-1893**. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942. 2 v. (Brasiliana, 213, 213-A)

MOURA, Carlos Francisco. *O ensino em Mato Grosso no século XVIII e início do XIX*. Rio de Janeiro, **Rev. Convergência**, Ano 2, v. 3, p. 145-57, jul./dez. 1977.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. 400 p.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984. 320 p. (Coleção educação e comunicação, 13)

PIEIDADE, Fr. Arsenio da. **Reflexoens Apologeticá á Obra Intitulada Verdadeiro Methodo de Estudár**. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, 1748. 66 p.

PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de. **Apontamentos para a Educação de hum Menino Nobre, que para seu uso particular fazia...** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734. 355 p.

A RECONSTRUÇÃO educacional no Brasil: ao povo e ao governo, manifesto dos pioneiros da educação nova. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. 120 p.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A Educação e a Ilusão Liberal.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1981. 214 p. (Coleção Educação Contemporânea; Série Memória da Educação)

RESPOSTA as Reflexoens, que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capucho fez as (sic) Livro Intitulado: Verdadeiro Método de Estudar. Valença: Oficina de Antonio Balle, 1748. 148 p.

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão.** Trad. de Maria de Lourdes Menon. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. 167 p. (Coleção memória da educação)

SANCHES, A. N. Ribeiro. **Cartas sobre a Educação da Mocidade.** Nova ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. 217 p.

SAVIANI, Dermeval. **Educação Brasileira: Estrutura e Sistema.** 2.ed. São Paulo: Saraiva, 1975. 146 p.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980. 224 p. (Coleção Educação Contemporânea)

SAVIANI, Dermeval. **Educação e Questões da Atualidade.** São Paulo: Livros do Tatu; Cortez, 1991. 118 p. (Coleção Educação Hoje e Amanhã)

SAVIANI, Dermeval. **Ensino Público e Algumas Falas sobre Universidade.** 2.ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985. 110 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 10)

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** 35 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 96 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 5)

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, , 1991. 112 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo: 40)

SAVIANI, Dermeval. **Política e Educação no Brasil: o Papel do Congresso Nacional na Legislação do Ensino.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987. 159 p. (Coleção Educação Contemporânea)

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; EST Edições, 1993. 496 p.

SILVA, Geraldo Bastos. **A Educação Secundária: Perspectiva Histórica e Teoria.** São Paulo: Nacional, 1969. 416 p. (Atualidades Pedagógicas, 94)

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura no Brasil Colônia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1981. 176 p. (História Brasileira, 6)

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.). **O Império Luso-brasileiro: 1750-1822**. Lisboa: Estampa, 1986. 613 p.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação e Mundo Moderno**. São Paulo: Nacional, 1969. 245 p. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 12)

TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um Direito**. São Paulo: Nacional, 1968. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 8); TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. 3.ed. São Paulo: Nacional, 1971. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 10)

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1969. (Coleção Cultura, Sociedade, Educação, 3)

TEIXEIRA, Anísio. **Educação Progressiva: uma Introdução à Filosofia da Educação**. São Paulo: Nacional, 1933. (Bibliotheca Pedagógica Brasileira, 3)

TEIXEIRA, Anísio. *Relatório do Director Geral do Departamento de Educação: Outubro de 1931 a Dezembro de 1934*. Separata do **Boletim de Educação Pública**, Rio de Janeiro, DF, Anno IV, Números 11 e 12, jul. e dez. 1934. 295 p.

VERISSIMO, José. **A Educação Nacional**. 2.ed.aument. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906. 207 p.

VERNEY, Luís António. **Verdadeiro Método de Estudar**. Lisboa: Sá da Costa, 1952. 5 v. (Coleção de Clássicos Sá da Costa)